

## No corpo está a possibilidade de se revelarem os afetos

Reflexões sobre aspectos da Clínica  
Psicanalítica e da Fenomenologia  
da Vida de Michel Henry

Maria Aparecida da Silveira Brígido\*

### Introdução

O trabalho psicanalítico tem uma originalidade, pois, ao estar diante do paciente, o analista reconhece que cada história, cada paciente só pode ser compreendido em sua singularidade. Isto já foi escrito, lido e discutido; entretanto, é esta característica que possibilita continuar estudando cada caso, ampliando os estudos teóricos. Decorrente disto não haverá tédio nem cansaço. É, pois, desta natureza o sentimento que desperta ao pensar sobre a clínica

\* Psicóloga – Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra – Portugal; Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre – Brasil; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Aconselhamento Psicologia Pastoral e Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida nas Faculdades EST – Brasil; Integrante do Grupo de Investigação “O que pode um corpo?” pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica – Brasil; Diretora Interior da Sociedade de Psicologia Rio Grande do Sul (2011-2013), Brasil. Professora do Contemporâneo – Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre. Brasil.

psicanalítica e os estudos sobre a Fenomenologia da Vida de Michel Henry. A vida é o caos, a agitação, o barulho e as inquietações. Acrescentam-se a isto, as desconfortos<sup>1</sup>. As provocações, os estímulos, as percepções quando fazem ressonâncias nos seres humanos, reconhece-se nelas a libido, a pulsão de vida e as possibilidades de manifestações de afetos que se externam, pois os afetos circulam no interior e exterior. No processo analítico existem construções que são decorrentes das intervenções nos casos em que as fragilidades, desorganizações e precariedades nas estruturas psíquicas são o objeto de tratamento.

Os afetos, quando não aparecem nos dizeres dos pacientes, podem estar nas manifestações corporais e nas ações. Onde está ou para onde foi o *quantum* afetivo que faz parte do processo do desenvolvimento psíquico? Quando percorremos os escritos de Winnicott<sup>2</sup> sobre seu conceito de angústia de aniquilamento, que ocorre nos momentos da vida precoce do ser humano, ele afirma que existe uma intensidade de percepção que é sentida e traduzida em angústia. Não é um sentimento organizado, um afeto possível de ser nomeado. É uma sensação que gera um afeto<sup>3</sup> muito intenso, uma dor que resultará em fragmentação e provável fragilidade psíquica.

Nas análises tratam-se fragilidades e podem-se constatar as dissociações das percepções em relação ao próprio corpo de pacientes que não percebem a si e a sua analista como uma pessoa inteira à sua frente. Reconhece-se que há uma alteração da realidade, pois o externo, o visível, não pode ser percebido objetivamente pelo paciente em relação à sua analista. Assim, dois pacientes são aqui mencionados: Luís, um menino de 12 anos que não aprende a ler na escola. Nos primeiros meses de tratamento, gostava de desenhar sua analista com canetas em folhas de papel branco. Desenhava unicamente riscos em forma de círculos e sorrindo dizia: esta é a tia de óculos. Já Carlos, um homem de 42 anos, tinha dificuldades em saber sobre si, em reconhecer-se como tendo uma sexualidade, se masculina ou feminina, ou quanto à escolha da faculdade que estava cursando. Carlos teme que durante as sessões de análise sua perna se fragmente e se una à poltrona em que está sentado. Durante longo tempo Carlos referia o fato de só perceber parte do rosto da analista, que estava sentada a sua frente, vis-à-vis, mais exatamente seus óculos.

<sup>1</sup> Sigmund FREUD. "Além do princípio de prazer", in James Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, 13-88). Rio de Janeiro: Imago, 2010.

<sup>2</sup> Donald Woods WINNICOTT. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

<sup>3</sup> Sigmund FREUD. "Projeto para uma psicologia científica", in James Strachey (Ed. & Trad.), (Vol.1, 381- 469)

Duas pessoas que manifestam uma alteração de suas percepções frente à realidade em relação ao corpo do outro e a seu próprio corpo. Perceber a realidade, o exterior, é uma manifestação de uma afetação, de um *pathos*. Ser afetado pela proximidade, pelas intervenções verbais é manifestado de forma não integrada em relação ao outro que está presente. O inconsciente, o invisível, o interior, se mostra e resulta em uma alteração na percepção do corpo, alteração da realidade.

A Fenomenologia da Vida, que por ora estamos estudando, remete para pensamentos e reflexões sobre a vida, o viver, os afetos e as afetações da vida. A vida vem ao ser humano como afecção, como *pathos*. Rafaël Gély<sup>4</sup>, quando escreve sobre o desejo de a vida se experienciar e a vulnerabilidade originária, explica que para a Fenomenologia da Vida o valor, a importância está no poder experienciar-se, quer dizer, poder se consentir, se estreitar, se reter em si, se desejar, experienciar-se em si.

Para Michel Henry<sup>5</sup>, «experimentamos constantemente com um fenômeno que justamente nunca nos abandona: nosso corpo». É através dele que percebemos o mundo exterior. O que é exterior é visível, e Michel Henry assinala que desde os gregos a visibilidade vem da luz; portanto percebemos o que está iluminado. Na noite, que também é o interior; está o invisível, aquilo que não se vê. Para Henry, o interior é poder sentir-se sentindo, é sentir-se sendo afetado pelo que é inerente à vida.

O vivido passivo ou ativo, para Gély, ao referir-se aos estudos de Michel Henry, é um sofrer que só é possível ao poder experienciar-se. Experienciar em si é o consentimento de padecer, do amar-se e do ipseizar-se<sup>6</sup>. A adesão ao experimentar é uma união consigo mesmo, é o vínculo consigo da vida subjetiva. O autor refere ainda que «esse amor de si do padecer é o lugar de todo experienciar de toda impressão afetiva ou possível»<sup>7</sup>.

Ser afetado, sofrer e padecer, para a Fenomenologia da Vida quer dizer ser surpreendido, ser impactado. É o *pathos*. É a desacomodação de algo que estava ali e foi surpreendido. Decorrido algum tempo de análise, quando Carlos em sessão refere estar sentindo dores nas costas, foi possível resgatar que em seu processo de análise sentir esta dor era poder sentir seu corpo antes não sentido e não percebido. O paciente pergunta: «Maria Aparecida, estas dores são causadas por minha mente?» Depois desta pergunta a sessão

<sup>4</sup> Raphaël GÉLY. "A vida social, a linguagem e a vulnerabilidade originária do desejo", in Florinda Martins; Américo Pereira. *Michel Henry: o que pode um corpo?*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010.

<sup>5</sup> Michel HENRY. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. São Paulo: É-realizações Editora, 2012, p. 13.

<sup>6</sup> Raphaël GÉLY, *op. cit.*, 2010, p. 91.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 93.

se desenvolveu a partir de uma questão sua que era a lembrança de uma situação traumática ocorrida no período de sua adolescência, na qual há uma cena em que o paciente diz ter-se enfurecido e agredido a todos, o que o deixara muito mal consigo mesmo. Carlos então constata que na realidade ele ficara paralisado e não reagira frente à cena em que se percebera como um furioso agressor.

Ao sentir o corpo através de dores foi possível compreender que Carlos não reconhecia aquilo que lhe ocorria. Era um estranhamento de si mesmo, um não reconhecer-se. Ao longo de suas sessões de análise, Carlos passa a reconhecer seu corpo e não sentir temor frente a uma possível dissolução. Passa a sentir dores em seu corpo. Inicia a fazer queixas dizendo: «Sentir dores é muito ruim; para que sentir isto? Afinal, esta é a droga da vida?»

Aos poucos vai sentindo que a vida e as dores fazem parte do viver. Carlos se queixa dizendo que antes não precisava entender que a dor é sentida. Isto ocorre quando passa a se reconhecer como resultado de seu processo de análise. Não sentir partes do corpo também é ter uma vida em permanente sensação de dissolução, desintegração e presença da morte, o que constantemente o apavorava. Os processos invisíveis da construção psíquica remetem ao inconsciente, às pulsões e suas implicações no corpo, o caminho do interior para o exterior.

Quando a organização psíquica está fragmentada e não é possível sentir o próprio corpo, a percepção de si através do corpo é uma capacidade construída de poder perceber, reconhecer, sentir. Quando Carlos pergunta se suas dores do corpo são resultado de sua mente, está construindo um si mesmo e um sentir, e começa a ser possível suportar suas sensações, afetos e dores. Sentir a dor é conseguir reconhecer-se como tendo um corpo, reconhecer-se com vida, ainda que sejam enigmáticas suas sensações e percepções. As complexidades do viver podem ser difíceis para Carlos. Viver e se reconhecer com vida e conseguir enfrentar as complexidades do viver, poder suportar quando traumas se atualizam quando sobrevêm à memória, se deparar com seus afetos manifestados em palavras sobre o sentir.

A idéia de um corpo que pode ser máscara ou hirto<sup>8</sup>. Pode-se pensar que o corpo hirto é aquele que está enrijecido, quase paralisado. Voltando ao que Carlos referiu em sessão, a percepção de si foi ter agredido pessoas. Existe uma alteração entre o pensar, o agir e o sentir que vem do interior e manifesta o que sente. Ao expressar em gestos sua raiva, ele retira a máscara

<sup>8</sup> Florinda MARTINS. Abordagem fenomenológica de feição das depressões: do diagnóstico à terapia. In: Karin Wondraceck; Lothar Hoch; Thomas Heinmann. *Sombras da Alma, Tramas e Tempos da Depressão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

e manifesta no exterior o que antes não conseguia sentir. A raiva sentida pode não ser manifestada com uma ação, mas pode estar contida. Assim, o que foi sentido não pode ser falado. Entretanto, ao sentir dores no corpo e ao poder reconhecê-lo como vivo, embora sem compreender o que lhe ocorre, pois antes este corpo era alucinado como se desintegrando, a memória traz algo sentido e não manifestado enquanto as dores trazem a manifestação do sentir.

Carlos e Luís necessitaram do processo terapêutico para desenvolver a condição de ligar afetos, pensamentos e ações. Carlos chegou à condição de poder suportar padecer. Piné<sup>9</sup> relata de forma muito real e verdadeira o trabalho clínico, no qual se percebe a fragilidade de uma realidade psíquica apresentada por um paciente na clínica de Acompanhamento Terapêutico. O terapeuta refere o rompimento de estruturas cristalizadas, paralisias e repetições que eram silenciosas e mortíferas. O paciente, desde seu lugar de vítima real de uma época de ditadura, com seqüelas terríveis em sua estrutura corporal e psíquica, revela os meandros de um atendimento que mostra os momentos em que o paciente, em lugar de falar que quer morrer e destruir tudo o que faz, passa a falar sobre sua solidão. É o claro exemplo de uma total desacomodação do vivido e estruturado, gerada pela relação transferencial do encontro paciente/terapeuta.

### Considerações finais

Quando pensamos na Fenomenologia da Vida de Michel Henry, compreendemos que a vida é um ato de se unir consigo. A experiência de si não é somente quando a vida é exteriormente posta em perigo, como no caso atendido por Piné, mas é um não fugir de si e suportar o padecer ou violência interior, como no caso de Carlos. É aderir a si mesmo. O temor, a angústia assim como a dor são afecções enquanto modos de nossa vida subjetiva (Brígido, 2014)<sup>10</sup>. Para a Fenomenologia da Vida, o padecer e a violência não são a dor, o trauma, o rompimento de estruturas. São as afetações, as explosões da vida em si e o poder suportar o *pathos*. Por este viés, ao estudar a Fenomenologia da Vida, constatamos que a criança, o adulto, pode sentir-se sentindo o que pode ser enlaçado com descobertas decorrentes no âmago de uma clínica

<sup>9</sup> Andrés ANTÚNEZ. *Acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Editora USP, 2011.

<sup>10</sup> Maria Aparecida da Silveira BRÍGIDO. "A passibilidade do corpo decorrente do sofrimento psíquico", in Andrés Eduardo Aguirre Antúnez; Florinda Martins; Maristela Vendramel. *Fenomenologia da vida de Michel Henry: Interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, 2014.

psicanalítica. Nesta, o escutar do analista não antecipa respostas às interrogações de seu paciente quando este interroga: «Estas dores vêm da minha mente?» Ao agir desta maneira e ao considerar a dor sentida por vivências frustrantes e atordoantes que possam ter existido, o analista rompe com a idéia de causa e efeito, não trabalhando com uma linearidade que empobrece o trabalho clínico. O afetar-se que existe dentro dos humanos necessita ser escutado de forma ética.

Finalizando as reflexões advindas deste estudo, Safra complementa o que está aqui escrito com as seguintes palavras: «A questão originária é o elemento que move qualquer processo psicanalítico [...] ela é peculiar à biografia do paciente [...] com formulação peculiar a cada pessoa»<sup>11</sup>.

### **Bibliografia**

- Andrés ANTÚNEZ. *Acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Editora USP, 2011.
- Donald W. WINNICOTT. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Florinda MARTINS; Américo PEREIRA. *Michel Henry: o que pode um corpo?* Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010.
- Gilberto SAFRA. *A po-ética na clínica contemporânea*. 4ª. Ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.
- Michel HENRY. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: É-realizações, 2012.
- Karin H. K. WONDRACEK. *Ser nascido na Vida: a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010. Tese de Doutorado.
- Karin WONDRACECK; Lothar HOCH; Thomas HEINMANN. *Sombras da alma, tramas e tempos da depressão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.
- Sigmund FREUD. "Projeto para uma psicologia científica", in James Strachey (Ed. & Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, 381-469). Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- Sigmund FREUD. "Além do princípio de prazer", in James Strachey (Ed. & Trad.). *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, 13-88). Rio de Janeiro: Imago, 2010.

<sup>11</sup> Gilberto SAFRA. *A po-ética na clínica contemporânea*. 4.ª ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2004, p. 148.